

## O subterrâneo do Morro do Castelo: uma metáfora arqueológica

Paula Janovitch

Para Luciana Kopelman e Evelyn Alperovitch

*O artigo analisa uma obra literária de Lima Barreto, O subterrâneo do Morro do Castelo, que está construída a partir de um diálogo entre uma intervenção urbana na área central do Rio de Janeiro do início do século XX e a lenda dos "Subterrâneos do Morro do Castelo". Focando o diálogo com o pensamento de Sigmund Freud sobre arqueologia, o artigo aponta para uma correspondência com o emblemático lugar da lenda dos "subterrâneos do Morro do Castelo" na produção cultural do Rio de Janeiro.*

**Palavras-chaves:** Literatura, arqueologia, psicanálise, espaço urbano

*The article analyses the literary work of Lima Barreto, called The cave of the Castle Mount, which develops a dialogue between the urban interference in the central region of the city of Rio de Janeiro in the beginning of the 20<sup>th</sup> century and the tale "Caves of the Castle Mount".*

*Focusing the dialogue with the thoughts of Sigmund Freud about archaeology, the article points to a correspondence with the emblematic place of the tale "caves of the Castle Mount" at the urban cultural production of Rio de Janeiro.*

**Key words:** Literature, archaeology, psychoanalysis, urban space

Para se conhecer uma cidade, temos que entrar por várias portas, a cada porta veremos outra dimensão dela. Seus pilares são vários, e, ao contrário do que pensamos, a maioria deles não é visto por inteiro a olho nu. Temos que escavar muito para acharmos suas origens. Na *Poética do espaço* de Gaston Bachelard, se a casa do sonhador está situada na cidade, não é difícil seu sonho ser dominado pela profundidade – os porões.

Sua moradia deseja os subterrâneos dos castelos-fortes da lenda, em que misteriosos caminhos faziam comunicar por baixo de todos os recintos fechados, de todas as muralhas, de todos os fossos, o centro do castelo com a floresta distante. O castelo plantado no alto da colina tinha raízes numa rede de subterrâneos (Bachelard, 1974: 368).

Nestes além porões se encontram as mais íntimas intrigas subterrâneas. Freud, às voltas com os labirintos da psique, também se envolve na busca do passado mais remoto das cidades da antiguidade. Fascinado e insone com a "metáfora arqueológica" afirma que as "pedras falam" (Gay, 1991: 169).

A história que pretendo apresentar aqui procura um pouco este eixo profundo que o trabalho arqueológico executa com tamanha leveza no meio das grandes ci-

dades. Sempre que existe uma grande intervenção urbana em metrópoles como São Paulo ou Rio de Janeiro, os arqueólogos buscam aproveitar estes cortes para, através deles, procurarem vestígios arqueológicos de outros tempos. Esta história transcorre em dois tempos, o lendário e o real que parecem concentrar nos subterrâneos do Morro do Castelo, uma ponta de lança, um emblema da cidade mais antiga encravada no meio da cidade que pretende se modernizar.

A partir da reedição do folhetim de Lima Barreto (1997), *O subterrâneo do Morro do Castelo*, fui surpreendida por inúmeras representações que, entre 1877 e 1938, tematizaram as lendas sobre o Morro do Castelo, criando, em torno dele, um lugar polêmico na cidade, um ícone, onde duas forças parecem se concentrar, a tradição (a lenda da origem da cidade) em oposição ao progresso (demolição do Morro para passagem da Av. Central). O passado vem dos subterrâneos, das profundezas do Morro, onde, diz a lenda, os jesuítas esconderam seus tesouros. O presente, são as grandes remodelações urbanas, a demolição do Morro para a passagem da Av. Central que vai cortar o centro, desobstruir suas pequenas ruas, até chegar à beira-mar.<sup>1</sup>

A metáfora arqueológica neste momen-

1. Para a ficção urbana, o desmonte do Morro do Castelo acompanha as remodelações da área central. Nos anos 20, o cenário urbano na ficção fará o caminho à beira-mar, como podemos ver em Benjamin Costallat e no próprio Théó-Filho. Ver também Fazenda, José Vieira. *Antigualhas e Memórias do Rio de Janeiro. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil*. Tomo 95, vol. 149.

to de escavações é inevitável. Historicamente a arqueologia aprofunda e revela as civilizações soterradas, o passado mais que lendário. O final do século XIX prima pelos grandes saques europeus à cultura de povos não ocidentais e à popularização, no velho mundo, das coleções de antiguidades.

As grandes coleções de antiguidades dos museus europeus foram reunidas em sua maior parte durante o século XIX, e Freud visitou várias delas na época em que formava sua própria coleção... (Gamwell, 1994: 22).

O trabalho arqueológico, assim como os vestígios da antiguidade, terão importante papel na obra de Sigmund Freud que nesta mesma época torna-se um verdadeiro admirador de antiguidades, chegando mesmo a comparar o trabalho do psicanalista às escavações arqueológicas:

... o psicanalista, como o arqueólogo em suas escavações, deve descobrir camada após camada da psique do paciente, antes de chegar aos tesouros mais profundos e mais preciosos (Gay, 1991: 168)

Sua paixão aproxima-o de um professor de arqueologia vienense, Emanuel Lowy, que o deixa tão perturbado que chega a comentar: “Ele me mantém de pé até às três da manhã” (Schorske, 1989: 168).

#### “FALA-ME DE ROMA”

(Ibid.: 187)

Para Freud as cidades antigas como Roma, Tróia e Pompéia eram verdadeiros sítios arqueológicos da psique. Ele

chegou a estudar a topografia romana e a presença de vestígios de suas várias épocas. Roma, para ele, era a cidade da paixão. Mas só em 1901, depois de ir cinco vezes à Itália, consegue, finalmente, entrar na Cidade Eterna. “Foi uma experiência avassaladora para mim, e (...) a realização de um desejo há muito acalentado. Foi [também] ligeiramente decepcionante” (Ibid.: 198).

Em 1877, Machado de Assis, em curtas crônicas, também se vê perturbado com revelações antiqüíssimas do Rio de Janeiro. A cidade-corte da febre amarela, dos quiosques e dos ambulantes de rua, já começa a ser pensada de forma a soterrar o seu passado colonial, impondo sobre este uma nova organização do espaço urbano.

“Venhamos a coisa novíssima, posto que velhíssima; ou antes velhíssima, posto que novíssima” (Coutinho, 1986: 355). Comenta Machado de Assis em forma de trocadilho as notícias frequentes que andavam saindo na imprensa sobre o desmonte do Morro do Castelo e a descoberta de galerias. As quais, provavelmente, levariam aos tesouros que os jesuítas haviam escondido.

Se fato ou ficção, Machado de Assis desloca a questão do desmonte, da demolição e vai refugiar-se na lenda, na perpetuidade dela desde a sua mais tenra infância:

Crê-se geralmente que os jesuítas, deixando o Rio de Janeiro, ali enterraram riquezas incalculáveis. Eu desde criança ouvia contar isso, e cresci com essa convicção. Os meus vizinhos, os vizinhos do leitor, os

respectivos compadres, seus parentes e aderentes, toda a cidade em suma crê que há no Morro do Castelo as maiores pérolas de Golconda (Id., ibid.).

Desta morada familiar apenas volta à tona, ao presente, no momento em que ironicamente indaga:

A quem pertencerão as riquezas que se encontrarem? Ao Estado? Aos concessionários da demolição? *That is the question...* E digo: os objetos que se acharem pertencem, em primeiro lugar, à arqueologia, pessoa que também é gente, e não deve ser assim tratada por cima do ombro. (...) para a arqueologia todo o metal tem igual valor (Id., ibid.).

Em 1905, no meio das demolições da área central, executadas por Pereira Passos e conhecidas como “o bota-abaixo”, Lima Barreto também se vê envolvido com as transformações da área central. E vai, por meio de seu folhetim *O subterrâneo do Morro do Castelo*, quase como um arqueólogo, escavando e acompanhando as obras de demolição do Morro. Aprofundando suas camadas, o cronista-arqueólogo segue os conselhos de Freud, e, dia a dia, revela ao público leitor as lendas, os amores e os labirínticos subterrâneos do Morro do Castelo “... antes de chegar aos tesouros mais profundos e mais preciosos” (Gay, 1991: 169).

Quanto mais as picaretas públicas aprofundam os cortes no Morro, mais camadas o cronista revela das lendas dos jesuítas. “Alguém precisa morrer para tornar-se vivo. (...) Freud sentia-se par-

ticulamente fascinado pela analogia existente entre o destino histórico de Pompéia (o soterramento e a posterior escavação) e os eventos mentais que eram tão familiares” (Freud, 1976: 53). Tudo que o cronista extrai dos subterrâneos do Morro tem relação com riquezas, tesouros ou mesmo mortos que podem voltar à vida. O folhetim de Lima Barreto *O subterrâneo do Morro do Castelo* é tramado neste ir e vir cotidiano entre o passado lendário e o presente modernizador, simbolizado pela demolição do Morro.

A cidade, em transformação do cronista, revolvendo a terra, exuma também o passado e, nesta condição, acaba trazendo à tona a convivência de tempos diferentes. Entre este passado lendário e a presente demolição que se dirige ao traçado da Av. Central volta-se novamente às questões já apontadas por Machado de Assis: para quem vão ficar os tesouros dos jesuítas?

Nesta paisagem arqueológica, a revelação dos tesouros lendários soterra os habitantes do Morro e se sobrepõe aos projetos da futura Avenida. Como um desvio metafórico, os cortes buscam saquear os tesouros do Morro. Transformando a Av. Central num mero pretexto para isto.

Sustentando a dupla temporalidade, Lima Barreto divisa novos caminhos da lenda. Os cortes investidos contra o Morro não acharam ainda os subterrâneos centrais, os alicerces da lenda. As picaretas investiram contra galerias periféricas que

... apenas foram feitos para os suplícios e outras com o único fim de atordoar, desorientar os investigadores...

(...) O verdadeiro depósito dos tesouros, onde se encontram arcas de ferro abarrotadas de ouro e pedras finas, acha-se a 430 metros do sopé do morro; aí o ar é quase irrespirável em vista das exalações sulfúricas; é mesmo de crer que o morro não seja mais do que o tampo de um vulcão. De tudo isto há documentos irrefutáveis e não só referentes ao Castelo como aos demais subterrâneos, quais os da ilha do Raimundo, próxima à do Governador, e da fazenda de Santa Cruz e tantos outros que minam a velha cidade de Mem de Sá (1997: 17).

Quando Freud consegue entrar em Roma, ele deseja encontrar o primeiro desenho desta – a Roma *Quadrata*, cidade de seus sonhos: “Só a Roma da Antiguidade despertou-lhe profundo entusiasmo: ‘Eu poderia adorar os restos humildes e mutilados do Templo de Minerva’” (Schorske, 1989: 198). Seu desejo de revelá-la inteira e a frustração de perceber que dela teria apenas suas ruínas “mesclados com a confusão de uma grande metrópole, que se desenvolveu muito nos últimos séculos, a partir da Renascença” (Freud, 1997: 16) faz com que o psicoarqueólogo se interrogue sobre a possibilidade real de retirá-la da fantasia.

Permitam-nos agora, num vôo da imaginação, supor que Roma não é uma habitação humana, mas uma entidade psíquica, com um passado semelhantemente longo e abundante – isto é, uma entidade onde nada do que outrora surgiu desapareceu e

onde todas as fases anteriores de desenvolvimento continuam a existir, paralelamente à última (Id., *ibid.*).

Mas seu desencantamento aparece poucos parágrafos depois, quando, ao sonho destas cidades se sobrepondo, Freud se dá conta dos limites do espaço urbano:

A essa altura não faz sentido prolongarmos nossa fantasia, de uma vez que ela conduz a coisas inimagináveis e mesmo absurdas. Se quisermos representar a sequência histórica em termos espaciais, só conseguiremos fazê-lo pela justaposição no espaço: o mesmo espaço não pode ter dois conteúdos diferentes. Nossa tentativa parece ser um jogo ocioso (Ibid.: 17).

Seria então um desatino tentar relacionar a preservação da vida mental com os vestígios do passado da cidade antiga, já que este não pôde ser revelado de maneira integral. Porém, sugere Freud, quem sabe os vestígios deste passado, mesmo que não resgatem de forma completa a cidade antiga, possam ser preservados desde que estes tecidos – os vestígios – “não tenham sido danificados por trauma ou inflamação” (Id. *ibid.*).

Para a lenda dos tesouros do Morro do Castelo restava então a busca de manuscritos, mapas, documentos que atestassem sua veracidade.

“— HÁ DOCUMENTOS A RESPEITO?”  
(Barreto, 1997: 16)

Das palavras sábias de um senhor alto, de bigodes grisalhos e grandes olhos penetrantes que sabe de todo um Rio

subterrâneo, inédito e fantástico, vem a resposta:

— Preciosíssimos, meu amigo; eu tive sob os olhos todo o roteiro das galerias; conheço-as como a palma das minhas mãos. A reconstrução daquela época trágica seria uma obra de fazer arrepiar os cabelos!... (Id. *ibid.*).

As lendas do subterrâneo do Morro, “tecidas inteiras” através de planos imaginários, se sustentam na memória coletiva, e vão se mostrando lentamente na revelação de novas galerias. O cronista-arqueólogo está pronto para encontrar os grandes tesouros dos jesuítas.

Neste ponto central, as encruzilhadas se fazem presentes, e, o que parecia levar a um único caminho, permanecem como dupla entrada. Divisam-se dois caminhos, dois tempos. A cidade mais antiga, seu ponto de partida, convivendo com as convenções da cidade mais moderna. A possibilidade de preservação de ambas já pode acontecer. O que precede o Epílogo é a preparação do sítio arqueológico onde, provavelmente, estão as verdadeiras relíquias lendárias do Castelo.

Relata o folhetim de Lima Barreto que em 16 de abril de 1903, o Engenheiro G Dab Verme requereu ao Congresso Nacional licença para explorar os subterrâneos do Castelo:

O suplicante, como é sabido, desde alguns anos se tem dedicado a estudos arqueológicos, e conhecendo por documentos antigos que possui a existência de gale-

rias subterrâneas no referido morro, pediu o favor da exploração para descobri-las ao público...

As verdadeiras galerias, defende o grande estudioso, não precisam de incisões tão violentas como as que estão ocorrendo; com as plantas que possui se poderá

... ir direto ao lugar e aí verificar a existência ou não do citado tesouro, sem aliás destruir as galerias e salões subterrâneos, que poderão ser expostos ao público e projetados, para assim se conservar a tradição de sua construção, forma, direção, monumentos (Ibid.: 94).

Meditamos então sobre os segredos; preparamos projetos. E a ação, debaixo da terra, se encaminha. Estamos realmente no espaço íntimo das intrigas subterrâneas (Bachelard, 1974: 369).

O Epílogo garante o lugar da lenda no grande final. Tudo acaba, folhetinescamente, nesta grande “intriga subterrânea” bachelardiana entre o padre João de Jouquières, jesuíta que volta dos sertões, e D. Garça, que estava nos braços de seu ex-amante. O jesuíta “atravessando a extensa galeria” mata D. Garça e se mata logo em seguida, provavelmente, com um vidro de veneno.

“AQUI TERMINA O MANUSCRITO”  
(Barreto, 1997: 97)

O Morro do Castelo já desapareceu. No mapa atual da cidade do Rio de Janeiro existe apenas uma referência à região do Castelo. Castelo que não existe mais. Mas as lendas, a ficção, as ilustrações e

a produção iconográfica permanecem como uma ponta de lança registrando o seu lugar na memória coletiva da cidade. A fascinação de Freud por escavar as camadas da psique humana numa grande "metáfora arqueológica" parece encontrar um solo comum com estes escritores-arqueólogos que buscam, como ele, exumar o que Bachelard chamou das "intrigas subterrâneas", tão importantes à alma humana como de fundamental importância à preservação da cidade: "Que poder para uma simples casa ser construída sobre um emaranhado de subterrâneos!" (Bachelard, 1974: 368). ■

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1974. (Col. Os Pensadores XXXVIII).
- COUTINHO, Afrânio (org.). *Machado de Assis. Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.
- FREUD, Sigmund. Gradiva de Jensen e outros trabalhos. *E.S.B.* Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 53. v. IX.
- \_\_\_\_\_. *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 1997. p.16
- GAMWELL, Lynn. As origens da coleção de antiguidades de Freud. In: *Sigmund Freud e a arqueologia – sua coleção de antiguidades*. Catálogo das exposições da coleção de antiguidades de Freud, realizadas no Museu Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro e no Espaço Cultural do Banco Real em São PAULO. 1994.
- GAY, Peter. *Freud – Uma vida para o nos-*

#### Pulsional Revista de Psicanálise

- so tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- LIMA BARRETO, A. H. *O subterrâneo do Morro do Castelo*. Rio de Janeiro: Dantes, 1997.
- SCHORSKE, Carl. *Viena-fin-de-siecle*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Artigo recebido em agosto de 2000.

Visite a papelaria da **Livraria Pulsional**, onde você sempre encontrará promoções e bons preços.

Rua Dr. Homem de Mello, 351  
05007-001 São Paulo, SP  
Telefax: (11) 262-8345 / 3675-1190  
/ 3865-8950  
e-mail: [pulsiona@uol.com.br](mailto:pulsiona@uol.com.br)

## Aviso

A redação da *Pulsional Revista de Psicanálise* recebe até o dia 15 as notícias a serem veiculadas no mês subsequente.

O cumprimento deste prazo é primordial para a sua divulgação.

## A criança do júbilo\*

Radmila Zygouris

Neste texto a autora aborda a questão da submissão pela ótica da psicanálise. Questiona a sobrevalorização da série das castrações e frustrações na teoria psicanalítica em detrimento de outros processos constitutivos da evolução do pequenino humano, aos quais ela denomina aqui de série jubilatória, a qual se escora nas aptidões da própria criança e, ao contrário da anterior, não é nem adaptadora nem educadora. Fazem parte da série jubilatória o momento do Fort-Da, o momento em que a criança reconhece a própria imagem do estágio do espelho e a descoberta do objeto transicional.

Chama nossa atenção para o afeto, esse quinto conceito fundamental da psicanálise, mola de todo ato de libertação, revolta e criatividade.

Palavras-chave: Psicanálise, submissão, castração, frustração, afeto

In this text, the author tackle the question of the submission in a psychoanalytical view. She questions the overvalue putted on the series of castrations and frustrations in the psychoanalytical theory, to the detriment of others constitutive process of the little human being's evolution, which she defines herein as "jubilatory series", propped up in the child's own aptitude and, on the contrary of the previous one, is not adapting nor educating. The Fort-Da moment, the moment in which the child acknowledges its own image on the mirror and the discovery of the transitional object have their shares in the jubilatory series.

The author draws our attention to the affection, this fifth fundamental concept of the psychoanalysis, source of every act of liberation, revolt and creativity.

Key words: Psychoanalysis, submission, castration, frustration, affection

\* Tradução de Caterina Koltai.